

**UMA AGROINDÚSTRIA DIFERENTE EM MEIO AO MAR DE CANA:
O CASO DA EMPRESA “INDÚSTRIA DE SEDA RIVABEN S/A”
(CHARQUEADA/SP) (*)**

Pedro Ramos(**)
Àlcione Martins(***)

Resumo:

O texto narra a história de uma empresa produtora de casulos de bicho da seda, de fio e de tecido de seda, que surgiu, expandiu-se e encerrou atividades na região de Piracicaba, tradicional área produtora de cana-de-açúcar e de seus derivados no Estado de São Paulo.

É narrada a origem da família proprietária, a introdução e o crescimento da sericicultura na região, evidenciando que ela disputou com as usinas a utilização do solo e da mão-de-obra locais. Destaca-se o surgimento da empresa, sua expansão e as razões de sua crise e fechamento, observando-se que ela chegou a se constituir na maior empregadora local de mão-de-obra, como empresa do setor têxtil e que tinha nas exportações seu principal mercado. São abordados aspectos sobre a relação capital/trabalho no interior da empresa e sobre a sericicultura local.

O texto é fundamentado principalmente em informações primárias, obtidas em entrevistas com um dos ex-proprietários, com ex-sericultores e com ex-funcionários da empresa, cujos depoimentos são parcialmente transcritos. São apresentados também dados obtidos nos censos agrícolas e agropecuários da FIBGE.

Palavras-chave: sericicultura, produção de seda, empresa Rivaben, Piracicaba/Charqueada.

(*) Este trabalho é uma versão modificada do terceiro capítulo da monografia de conclusão do curso da co-autora.

(**) Professor/Pesquisador do Núcleo de Economia Agrícola do Instituto de Economia da UNICAMP. Cidade Universitária Prof. Zeferino Vaz, Distrito do Barão Geraldo – CAMPINAS – SP – Caixa Postal n. 6135, CEP 13083-970. - E-mail: peramos@eco.unicamp.br.

(***) Economista, formada pela Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Metodista de Piracicaba.

1. A introdução da sericultura na região e o surgimento da empresa¹

No início do Século XX conviviam nas terras da área próxima de Piracicaba duas culturas comerciais importantes: o café e a cana-de-açúcar, sendo que desta se obtinha tanto a aguardente como, principalmente, o açúcar, atividades que faziam da região a principal área do complexo canavieiro paulista (ver RAMOS, 2001).

No bairro do Cascalho, localizado no município de Cordeirópolis, pertencente à região, instalou-se um núcleo de imigrantes italianos, que vieram trabalhar como colonos do café. Entre estes imigrantes, estava o casal Joseph e Ana Bassei Rivaben, que havia chegado ao Brasil em 1910, procedente da cidade de Conegliano, às margens do Rio Piave, na Província de Treviso. Junto com o casal estavam seus filhos Pedro (22 anos); Ettore (14 anos); Luciano (12 anos) e Ferruccio Rivaben (9 anos).

Como acontecia no regime de colonato, as famílias ocupadas nas fazendas podiam usar seu tempo em outras atividades produtivas, quando não estavam se dedicando aos tratos do cafezal ou à colheita do café. Assim, aproveitando a experiência que haviam trazido da Itália como produtora de casulos de bicho da seda, algumas famílias, lideradas por Ana Rivaben, iniciaram uma plantação de amoreiras no fundo do quintal de suas casas, e passaram a produzir casulos, que vendiam para uma fábrica do então Grupo Matarazzo, localizada em Campinas.

Alguns anos depois de terem chegado ao Brasil, os jovens Ettore e Luciano Rivaben foram trabalhar na mencionada fábrica. Pelas informações disponíveis (MONTEZZO, 1997:15) Luciano tornou-se comprador de casulos da empresa. Ettore trabalhava no escritório, tendo sido designado para administrar a Fazenda Amália (localizada em Santa Rosa do Viterbo, localizada na Região de Ribeirão Preto), que pertencia ao grupo e na qual o mesmo possuía uma usina de açúcar e álcool, mas na qual o grupo também criava bicho da seda. Já Pedro Rivaben era técnico em ovos do bicho da seda

Contudo, ao que tudo indica², a área paulista que era a maior produtora de casulos do bicho da seda estava bem longe: era a região de Marília, onde se fixaram muitos

¹ Esta parte e as duas seguintes são em grande medida escritas a partir de entrevistas concedidas por um dos ex-proprietários da Indústria de Seda Rivaben S/A, Sr. Nelson Rivaben, filho do Sr. Ettore Rivaben, um dos fundadores da empresa. A ausência de dados sobre a empresa deve-se ao fato de que ele alegou não dispor deles.

japoneses que chegaram ao Brasil na mesma época. Entre os municípios desta região que se destacavam na mencionada produção estavam Gália, Bastos e Duartina.

No município de Piracicaba, no então distrito de Charqueada (criado em 1911) também havia uma produção, que fora iniciada por Jorge Di Bene, também imigrante italiano chegado em 1910 e que, além da ocupação de ferreiro, “contando com a ajuda da esposa Ercília e dos três filhos pôs-se a produzir casulos para a indústria de seda de Matarazzo” (MONTEZZO, 1997:20).

Segundo dados de NEME (1936:151), havia em Piracicaba, em 1918, 893.300 amoreiras, número que representava 6,7% do total do estado (13.305.067); sendo que as produções de casulos, ainda naquele ano, foram de, respectivamente, 37.887 e 470.179 quilogramas. Este autor chama a atenção para a estrutura fundiária de Piracicaba, que era menos concentrada que a do estado, e para a significativa diversidade produtiva local, onde “a policultura é praticada intensivamente” (idem, págs. 139 e 145).

O Recenseamento Geral do Brasil realizado em 1920 não traz, na sua parte agrícola, dados ou informações sobre a criação do bicho da seda. Na parte industrial, consta que, em 1907, o país tinha cinco estabelecimentos industriais produtores de tecido de seda, que empregavam 244 operários. Em 1920, eram seis estabelecimentos, que empregavam 1.765 operários, sendo 1.286 mulheres. Dessas seis fábricas, três localizavam-se em São Paulo, ocupando 1.067 operários.

Não foi possível identificar a origem e a história da mencionada fábrica do Grupo Matarazzo em Campinas. O trabalho de José de Souza Martins sobre o empresário Francisco Matarazzo não traz informações sobre ela. Pode-se aventar a hipótese de que se trata da empresa mencionada na página 41. Se assim for, ela só passou a pertencer ao Grupo Matarazzo em 1935, sendo que sua denominação era S/A Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira, fundada em 1907 pelo Grupo Créspi/Puglisi, tendo pertencido também ao Grupo Docas de Santos, de Guilherme Guinle. Aparentemente, ela se localizava no Estado de São Paulo, mas não há informação sobre o município (ver MARTINS, 1976:41).

Outro trabalho indica que, em 1922, foi constituída uma empresa denominada S/A. Indústrias de Seda Nacional, “para construir uma fábrica de seda em Campinas, (São

² Isto porque, segundo NEME (1936:151), em 1918, o município de Piracicaba estaria situado “na região districtal do Estado onde com mais intensidade se tem cultivado o bicho da seda”.

Paulo)”, que chegou inclusive a instalar e operar “uma estação experimental de sericultura em Campinas, com o objetivo de produzir e distribuir mudas de amoreiras e ovos de bicho-da-seda” (SUZIGAN, 1986:327). Isto foi feito, segundo o autor, com benefícios e subvenções tanto do Governo Federal como do Governo Estadual, sendo que deveria ser dada “preferência aos casulos nacionais” (idem). Não há informação no texto sobre os proprietários da empresa.

Este autor chama a atenção para o fato de que os fios de seda eram importados, sendo que “o desenvolvimento da indústria brasileira de tecidos de seda durante as décadas de 1920 e 1930 continuou a ser fortemente dependente da importação de fios de seda” (idem, p. 328). O apoio dado pelo governos à produção de casulos e de tecido de seda fez com que, em São Paulo, “a produção de casulos aumentasse de nove toneladas em 1923 para cerca de 600 toneladas em 1934” e a produção de tecidos aumentasse de 93 toneladas em 1919 para 682 toneladas em 1928” (idem, idem).

Ainda segundo o mesmo autor, “em 1907, a produção interna satisfazia apenas 18,5% do consumo interno de tecidos de seda”, (p. 325), sendo que “Ao final da década 1930, a produção interna satisfazia quase toda a demanda de artigos de seda”. (p. 329).³

Como afirmado, a expansão da sericultura paulista contou com o apoio do Governo do Estado de São Paulo. Ao que tudo indica, em 1927, a Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio (que sucedeu a Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas) criou uma Seção de Sericultura, por iniciativa da administração de Fernando Costa, que se iniciara em julho daquele ano⁴. Tal seção técnica foi alocada na Diretoria de Indústria Animal. Em 1941, a seção passou a denominar-se Serviço de Sericultura:

“tendo por motivação o significativo impulso que a indústria têxtil revelava em São Paulo. Sua atuação, direcionada para a pesquisa e experimentação, fomento, assistência técnica e defesa, compreendia a produção e distribuição de mudas e ovos do bicho-da-seda, sendo mantidos campos de cooperação, o estudo de doenças e pragas e meios de combate, mantendo colaboração com repartições competentes,

³ O Recenseamento Geral do Brasil de 1920 traz os dados sobre o “consumo anual da produção de tecidos das fábricas nacionais”, indicando que, no caso do tecido de seda, foram consumidos 797.749 metros em 1915 e 92.782 em 1919; em quilogramas, o consumo foi de 48.594 em 1916 e de 312.323 em 1922.

⁴ A redação que se segue está fundamentada na leitura da obra de MARTINS, 1991, Cap. IV. Não foi possível saber se, na verdade, o que ocorreu foi que o Estado assumiu a estação experimental instalada pela empresa S/A. Indústrias de Seda Nacional.

realização de exposições e cursos práticos de classificação, secagem e fiação de casulos, formação de centro especializado em biologia e tecnologia sericícolas e incentivo ao cooperativismo” (MARTINS, 1991:221/2).

Este serviço acabou sendo conhecido como Instituto de Sericicultura, com sua sede localizada em Campinas. Em 1944, “para atender a determinação contida no Decreto Federal relativo à classificação comercial da seda e fiscalização de instituições credenciadas pelo Governo, foi criada, subordinada ao Serviço de Sericicultura, a Inspeção de Classificação e Fiscalização do Comércio de Seda” (MARTINS, 1991:285/6).

Segundo relato do Sr. Nelson Rivaben, sua avó foi distinguida em 1928 pelo instituto como criadora que mais se destacou na atividade. Ainda segundo ele, seu tio Pedro foi nomeado chefe do instituto, sendo que seu outro tio, Ferruccio, também trabalhou no instituto por muitos anos, exercendo a função de desenhista. Ao que tudo indica, as matrizes que permitiam a produção de sementes pelo Serviço de Sericicultura eram trazidas do Japão e da China.

A não realização do censo agrícola de 1930 impede que se tenha dados sobre a situação da sericicultura paulista naquele ano. Por sua vez, o Censo Agrícola de 1940, que contém os dados referentes a situação de 1939, não traz informações sobre esta atividade. Quanto à cultura canavieira, tem-se que o município de Piracicaba produziu 443.076 toneladas de cana naquele ano (20% do total do estado), sendo que Marília produziu apenas 10.083 t.

As situações reveladas pelos dados dos censos agrícolas de 1950 e de 1960 são apresentadas na Tabela 1. O que convém destacar dela é a enorme diferença nas quantidades produzidas de cana e de casulos. No final da década de 1940, época em que a cana já tinha avançado muito para outras áreas do estado, especialmente para a de Ribeirão Preto, a zona de Piracicaba, tal como então definida no Censo Agrícola, ainda era responsável por metade da quantidade produzida no estado, sendo que a zona de Marília/Bauru por menos de 3%. Quanto à produção de casulos, a situação é totalmente inversa: esta última região produziu 70% e a de Piracicaba, menos de 1%. Entre 1949 e 1959 chama a atenção a significativa queda da produção de casulos em Cordeirópolis e a elevação da produção de cana.

TABELA 01 - SÃO PAULO, REGIÕES E MUNICÍPIOS MAIORES PRODUTORES DE CASULOS DE BICHO DA SEDA E RESPECTIVAS PRODUÇÕES DE CANA-DE-AÇÚCAR – 1949 E 1959

ESTADO, REGIÕES E MUNICÍPIOS	ANO DE 1949		ANO DE 1959				
	Casulos	Cana	Casulos		Cana-de-açúcar		
	Kgs.	Toneladas	Estabs.	Kgs.	Estabs.	Toneladas	Área – ha
Estado de S. PAULO.	430.297	4.783.171	459	757.928	9.981	14.173.703	291.013
Z. de Marília/Bauru (1)	302.471	136.047	380	682.729	255	94.757	2.651
-Mun. de Gália (2)	46.045	0	90	130.439	0	0	0
Zona de Piracicaba	4.405	2.395.599	3	221	1.864	3.204.511	67.178
-Mun. Piracicaba	2.318	749.768	1	1	767	1.210.029	24.279
-Mun. Charqueada (3)	-	-	2	220	210	254.757	6.027
-M. Cordeirópolis (4)	2.005	54.780	5	330	53	171.784	3.461

Fonte: FIBGE, Censos Agrícolas de 1950 e 1960.

Notas: (1) Em 1949, Bauru e sua zona pertenciam à zona de Marília; em 1959 foi criada a zona de Bauru.

(2) Em 1959, Gália foi o município maior produtor de casulos no estado. Em 1949, tal posição coube ao município de Duartina, na mesma região, com a produção de 55.921 kg.

(3) O município de Charqueada foi criado em 1953. Antes disso, era um distrito de Piracicaba.

(4) Em 1949, os municípios de Rio Claro e Cordeirópolis pertenciam à zona de Piracicaba; em 1959, foi criada a zona de Rio Claro, à qual passou a pertencer o município de Cordeirópolis.

Cabe observar que os dados censitários não trazem os números referentes à área cultivada como amoreiras, para alimentação do bicho da seda, o que pode ser atribuído ao fato de que se tratava de uma atividade de pequena escala, praticada, como já mencionado, em fundos de quintais, com base no trabalho familiar.

Em 1940, Ettore Rivaben desligou-se da fazenda do grupo Matarazzo e fixou residência em Charqueada. Com o apoio de Gino Di Bene (filho de Jorge), que possuía uma serraria no centro do distrito, passou a dedicar-se também à produção de casulos, em pequena escala. Logo depois, em 1942, adquiriu uma pequena propriedade (um alqueire), desmembrada da fazenda da Família Furlan, que se dedicava à cana, e na qual, junto com o irmão Luciano e Gino, iniciaram o processamento do casulo, com pequenas máquinas de fabricação italiana doadas pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Assim nasceu a Fiação de Seda Erciliana, que possuía 15 empregados. “A união dos três sócios prolongou-se até 1946, quando sofreu ruptura, pois Gino de Bene deixou de fazer parte deste grupo. Neste segundo momento, a firma já estava com 32 operários (MONTEZZO, 1997:16).

Pode-se associar o nascimento da empresa ao fechamento da fábrica da Matarazzo, que, segundo o entrevistado, teria ocorrido também em 1942. Por outro lado, tanto uma

coisa como outra podem ser vistas como decorrência da dificuldade de importação do fio no período da II Grande Guerra.⁵

Luciano foi designado para fixar-se em Gália, de onde, como comprador, enviava a matéria-prima para o município de Rio Claro, sendo o transporte feito pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Da estação da ferrovia em Rio Claro os casulos eram retirados por um caminhão pertencente à Família Verdi, de Charqueada, cuja propriedade se dedicava à cultura de cana-de-açúcar. Em Gália foi estabelecida uma secadora de casulo.

Na mesma época instalou-se em Bastos uma empresa de origem japonesa, a Brataq, que passou a adquirir “todo o casulo produzido na região”, segundo palavras do entrevistado. Isto obrigou Ettore Rivaben a buscar garantir o suprimento de matéria-prima para sua fábrica. Dada a concorrência que a cana fazia à utilização do trabalho e da terra na região de Piracicaba, ao longo da década de 1950, ele decidiu-se pela aquisição de dez alqueires de terras em Gália e lá passou a plantar amoreiras e a criar o bicho da seda.

Essa decisão de estender o “braço agrícola” da empresa em Gália também se deve ao fato de que lá havia mais facilidade de se conseguir mão-de-obra para a atividade de criação do bicho da seda, o que era feito no sistema de meação, já que a atividade exige constante atenção e cuidado por parte do produtor, o que, como se sabe, torna inviável ou muito difícil sua realização com base no trabalho assalariado. Assim, a criação do bicho da seda era compatibilizada com a exploração da cultura cafeeira na região, pois ela ocorria entre a primavera e o verão (setembro/março), época em que as famílias não eram ocupadas totalmente no cafezal.

Pelo relato do entrevistado, pode-se considerar que até o final da década de 1950 o crescimento da empresa foi constante, porém não muito expressivo, sendo que seu financiamento deu-se com base em recursos próprios (autofinanciamento). Até esta época a empresa era conhecida por Fiação de Seda Erciliana, mas sua denominação jurídica era Rivaben & Rivaben (MONTEZZO, 1997, p. 18).

⁵ O entrevistado não precisou a data do fechamento da fábrica da Matarazzo. Um trabalho sobre a história de Campinas indica que, em 1945, ainda haviam no município duas tecelagens de seda e raio, mas não informa seus proprietários. Ver SEMEGHINI, 1991:109.

2. A expansão da empresa e da sericicultura entre 1960 e 1980

A partir de 1960 o crescimento da empresa passou a ser mais acelerado. Isto se deve a diversos fatores.

Um deles é que a produção e, portanto, a oferta de matéria-prima na região de Piracicaba/Charqueada, sede da empresa, tornou-se mais abundante, em função do fato que, no início da década de 1960, vivia-se uma conjuntura de crise na agroindústria canavieira paulista e brasileira, decorrente dos excessos de produção de açúcar. Isto acabou gerando problemas nas relações entre os usineiros e os fornecedores de cana, tendo se agravado a situação principalmente dos pequenos produtores, os quais eram numerosos naquela região. Muitos proprietários de pequenos sítios viram na sericicultura uma promissora alternativa à produção de cana e diversificaram suas atividades produtivas. A maior usina do município de Piracicaba, a Costa Pinto, não absorvia toda a produção de seus fornecedores, os quais se viram assim na necessidade de buscar fontes alternativas de geração de renda.

Segundo os sericultores, a Rivaben pagava muito bem pelo quilo de casulo que comprava, o que incentivava que novos produtores passassem a criar o bicho da seda. Cabe destacar que, segundo relato do entrevistado, a empresa não adotava contratos de integração produtiva.

Os casulos produzidos na época eram considerados de excelente boa qualidade, permitindo a obtenção de fio de qualidade comprovada, razão pela qual a fábrica da Rivaben chegou a receber a visita de japoneses, então o principal mercado de destino da produção da empresa. A empresa também fornecia o fio de seda para a multinacional Johnson & Johnson, que abastecia os hospitais brasileiros de fios cirúrgicos.

A partir da segunda metade da década, ou mais precisamente ao iniciar-se o período do “milagre brasileiro” (pós 1967), os incentivos à exportação somaram-se ao fato de que o Japão diminuiu sua produção de casulos de bicho da seda, segundo relato do entrevistado, o que possibilitou à empresa entrar num período de grande expansão, que se estendeu por pouco mais de dez anos.

Desde o início da década, a empresa também havia expandido sua integração produtiva, tendo iniciado a produção de tecidos. A produção do tecido pela Rivaben foi acompanhada pela abertura de uma loja em Charqueada, na qual era vendido o tecido de

seda pura que a empresa produzia. Esta loja passou a ser bem conhecida entre as cidades da região, acarretando uma demanda regional pela seda da companhia.

Nesta conjuntura favorável, a empresa necessitava de mais matéria-prima. Assim, incentivou a entrada de novos produtores na região de Piracicaba/Charqueada e expandiu sua produção própria, chegando a construir em torno de noventa ranchos de criação.

EM 1970, a zona de Bauru apresentava-se como a área maior produtora de casulos de bicho da seda no Estado de São Paulo, com a área mais próxima de Marília, que passou a ser chamada pelo IBGE de “microregião homogênea” da Alta Paulista, ocupando o segundo lugar. O município de Gália foi, naquele ano, o maior produtor do estado, o que pode ser visto na Tabela 02. Na região de Piracicaba, a produção de casulos encontrava-se concentrada em Charqueada.

TABELA 02 – SÃO PAULO, REGIÕES E MUNICÍPIOS MAIORES PRODUTORES DE CASULOS DE BICHO DA SEDA E RESPECTIVAS PRODUÇÕES DE CANA-DE-AÇÚCAR – 1970

ESTADO, REGIÕES E MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO DE CASULOS DE BICHO DA SEDA			PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR			
	Informantes	Toneladas	Mil Cr\$	Informantes	Toneladas	Área – ha	Mil Cr\$
ESTADO	1.155	2.396	15.763	15.164	30.340.214	580.487	608.291
MR. Alta Paulista	349	583	3.550	49	115.264	4.072	2.356
- Mun. Gália (*)	224	391	2.282	1	50	1	1
MR Bauru	645	1.142	6.820	524	751.202	15.218	15.179
MR Piracicaba	12	20	108	2.929	5.326.668	102.538	108.673
- M. Charqueada	11	19	101	384	335.669	8.084	6.871
(M. Cordeirópolis)	0	0	0	88	326.589	6.238	6.557

Fonte: FIBGE, Censo Agropecuário de 1970.

(*) Município maior produtor no estado. A microrregião da Alta Paulista corresponde, aproximadamente, à zona de Marília de 1959.

A Indústria de Seda Rivaben era administrada, nesta época, pelos irmãos Ettore e Luciano, auxiliados pelos seus respectivos quatro filhos, entre os quais o entrevistado. Aparentemente, foi nesta época que a empresa passou a denominar-se Indústria de Seda Rivaben S/A.⁶

⁶ A consulta aos censos industriais de 1970 e 1975 não permite obter informações sobre a empresa, já que ela era o único estabelecimento classificado como “indústria textil” no município e, como se sabe, para evitar a identificação os dados sobre ela foram omitidos. Em 1980, eram quatro os estabelecimentos assim classificados.

Em 1971, Nelson Rivaben viajou ao Japão com a missão de adquirir máquinas para a modernização da empresa. A empresa fornecedora foi a Nissan, sendo o financiamento das máquinas feito pela própria, sendo que também foi necessária a vinda de técnicos ao Brasil para o treinamento dos operários na operação das mencionadas máquinas.

Ao que tudo indica, até esta época o fornecimento de sementes ou ovos do bicho da seda, aos criadores da região, era feito pelo Instituto de Sericicultura, mencionado na parte anterior. Contudo, sucessivas alterações organizacionais desde a transformação do Departamento de Produção Animal no Instituto de Zootecnia em 1970, passaram a gerar problemas nas relações entre os responsáveis pela gestão da Secretaria de Agricultura paulista e seu corpo técnico e administrativo, inclusive em função da mudança da sede daquele instituto, do Parque Fernando Costa em São Paulo para o município de Nova Odessa. Isto parece ter repercutido no trabalho do Serviço de Sericicultura, que teve que ceder pessoal administrativo para o funcionamento da nova sede, provavelmente porque Nova Odessa está localizada a menos de trinta quilômetros de Campinas.

O desfecho disso foi que

“no Governo Maluf, em julho de 1979, desativou(-se) completamente a unidade de Sericicultura de Campinas, transferindo parte de seu patrimônio para Gália e outra parte guardando os bens em depósitos em Nova Odessa. Nessa ocasião ocorreu também um processo desgastante, pois o patrimônio imóvel da unidade foi distribuído para vários órgãos governamentais e os servidores ali classificados foram obrigados a escolher outras repartições para trabalhar” (MARTINS, 1991:448).

Ao que tudo indica, foi a partir de então que as sementes para os criadores da Rivaben passaram a ser fornecidas pela própria empresa, que possuía uma outra firma com a denominação de Rivaben Agro Sericícola, também presidida pelo Sr. Ettore Rivaben.⁷

A empresa viveu período de auge de crescimento e de lucratividade nos primeiros anos da década de 1970. Nesta época, chegou a empregar diretamente mais de mil funcionários e, segundo o entrevistado, indiretamente era responsável por atividades de geração de renda e ocupação para mais dez vezes este número. Tinha sob sua influência direta em torno de duzentos criadores que, cultivando amoreiras em áreas médias de cinco alqueires, totalizavam nada menos do que mil alqueires.

Em meados da década, a empresa chegou a produzir seiscentos quilogramas de fio de seda e cem mil metros de tecido por mês. Participou de diversas edições da FENIT (feira nacional da indústria têxtil), tendo lançado um tecido de seda fina denominado “Crepe da China”. Contudo, cabe destacar que 95 % da produção da empresa era exportada.

Ettore Rivaben era então um empresário bem sucedido no ramo, tendo feito conferências sobre a sericultura e participado de congressos sobre o comércio da seda em Osaka (Japão). Recebeu medalhas e diploma do Governo na qualidade de maior criador do bicho-da-seda do mundo e foi membro do Sindicato de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo, bem como do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Recebeu o título de cidadão charqueadense e foi “agraciado com a comendas Marechal Rondon e Pedro Álvares Cabral”.⁸

O primeiro choque de preço do petróleo, em outubro de 1973, pegou a empresa exatamente num momento de auge, com modernização recentemente realizada e provocou uma alteração no cenário favorável em que ela vinha atuando desde o início da década de 1960.

Tanto é assim que, segundo o empresário, a exportação de fio caiu das 60 t em 1974 para 30 t em 1975. Isto se deveu ao fato de que o Japão, como grande comprador de petróleo, passou a impor cotas de importação a muitos bens, estando o fio de seda entre eles, ao mesmo tempo em que foi estimulada a retomada da produção própria. Evidentemente, muitos importadores de tecido também diminuiriam suas compras. Esta nova realidade fez com que a Rivaben passasse a não comprar toda a produção de casulo de seus fornecedores.

Como se sabe, o mesmo choque de preço do petróleo estimulava a produção de cana na região de Piracicaba, em decorrência do Programa Nacional do Alcool, o PROÁLCOOL, em novembro de 1975. Neste ano, não obstante, a produção de casulos em Charqueada foi maior que a de 1970, que é o que revela a comparação dos dados da Tabela 03 com os da Tabela 02. Em 1975, o município de Sagres, foi o maior produtor do estado. Em 1980, o número de produtores no estado já era menor, mas, proporcionalmente, a queda foi maior no município de Charqueada. Chama a atenção a grande elevação da produção de

⁷ *Who's Who in Brazil*, 1976/77, p. 1241.

⁸ *Idem*.

cana, entre 1975 e 1980, neste município, constatando-se uma concentração que também ocorreu em toda a microrregião de Piracicaba.

TABELA 03 – SÃO PAULO, REGIÕES E MUNICÍPIOS MAIORES PRODUTORES DE CASULO DE BICHO DA SEDA E RESPECTIVAS PRODUÇÕES DE CANA-DE-AÇÚCAR – 1975 e 1980

ESTADO, REGIÕES E MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO DE CASULOS DE BICHO DA SEDA			PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR			
	Informantes	Toneladas	Mil Cr\$	Informantes	Toneladas	Área - ha	Mil Cr\$
1975							
ESTADO	2.685	8.075	127.031	10.428	34.565.920	689.485	2.797.614
MR. Alta Paulista	689	1.173	18.007	61	256.448	4.549	25.652
- Mun. Gália	357	614	9.281	2	15	0	0
MR Bauru	1.114	3.384	56.174	261	859.062	16.232	67.066
MR Piracicaba	136	407	4.580	1.904	4.811.187	102.319	382.774
- M. Charqueada	111	340	3.573	209	219.631	5.168	17.637
(M. Sagres) (*)	12	1.406	21.714	1	0	0	0
1980							
ESTADO	2.305	9.042	1070622	13.344	72.257.080	1.073.120	50386977
MR. Alta Paulista	497	1.112	128.242	92	377.817	8.703	253.860
- Mun. Gália	217	583	60.542	7	853	26	611
MR Bauru	1.057	2.578	306.149	566	1.742.004	26.386	1.244.764
MR Piracicaba	55	107	11.243	1.563	7.722.730	112.168	5.355.271
- M. Charqueada	50	96	10.148	155	457.417	6.650	340.387
(M. Parapuã) (*)	20	2.743	336.121	0	0	0	0

Fonte: FIBGE, Censos Agropecuários de 1975 e de 1980.

(*) Municípios maiores produtores do estado, localizados em outra microrregião homogênea (Nova Alta Paulista).

A direção da empresa buscou implementar suas vendas internas. Contudo, como se sabe, o consumo de tecidos de seda é muito pequeno no Brasil, mesmo porque se trata de um produto mais caro do que seus concorrentes. Por outro lado, a empresa vinha fazendo imobilização de recursos, tendo adquirido propriedades territoriais, inclusive fora do Estado de São Paulo. O financiamento disto era garantido com o recurso aos contratos de exportação, expressos em dólares, que eram negociados com o Banco do Brasil.

A queda na vendas externas foi agravada com o advento do segundo choque de preço do petróleo em março de 1979. Em dezembro deste mesmo ano ocorreu uma maxi-desvalorização da moeda nacional, a qual, segundo o entrevistado, foi a causa principal das dificuldades da empresa. Outro fator que contribuiu para a queda das vendas externas da Rivaben foi que, após a morte de Mao Tsé-Tung, em 1976, a China abriu-se mais para o

Exterior, com a implementação, comandada por Deng Xiaoping, de uma nova política econômica. Como se sabe, a produção chinesa é fundamentada em mão de obra barata.

Assim, percebe-se que a combinação da queda de vendas com dívidas expressas em dólares é que criaram dificuldades para a empresa.

3. Crise e fechamento entre 1981 e 1991

Em 1981 a empresa desativou sua produção de fios, tendo vendido suas máquinas para a cooperativa Cocamar de Maringá, no Estado do Paraná. Segundo o entrevistado, inclusive foram encaminhados para lá a mão-de-obra especializada e os técnicos que trabalhavam para a empresa.

Como se pode ver na Tabela 04, em 1985 tanto a produção do estado como a do município eram menores que a de 1980, mas a de Charqueada novamente caiu proporcionalmente mais. Gália reaparece como município maior produtor do estado naquele ano.

TABELA 04 – SÃO PAULO, REGIÕES E MUNICÍPIOS MAIORES PRODUTORES DE CASULO DE BICHO DA SEDA E RESPECTIVAS PRODUÇÕES DE CANA-DE-AÇÚCAR – 1985

ESTADO, REGIÕES E MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO DE CASULOS	PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR		
		Quantidade – t	Informantes	Quantidade - t
ESTADO	4.980	15.689	125.000.840	1.694.994
MR. Alta Paulista	984	89	553.321	7.961
- Município de Gália (*)	409	7	739	17
MR Bauru	2.064	441	4.133.001	58.678
MR Piracicaba	33	1.684	10.306.988	130.811
- Mun. de Charqueada	31	163	667.237	9.419

Fonte: FIBGE, Censo Agropecuário de 1985

(*) Município maior produtor do estado.

A empresa não encerrou a atividade de produção de tecidos de seda, o qual passou a ser fabricado com fios importados do Japão e de empresas locais, como a Brataq e a Kanebo, localizada em Cornélio Procópio, no Paraná e, principalmente, da própria Cocamar.

A produção da tecelagem chegou a alcançar cem mil metros de tecido por mês e a ocupar em torno de duzentos trabalhadores. Esta produção, contudo, receberia, após 1990,

um golpe fatal: o da abertura comercial iniciada após a eleição de Fernando Collor de Melo para Presidente da República. Isto acabou inviabilizando totalmente a empresa, que encerrou definitivamente sua última atividade em 1991, sendo que, em 1990, sua produção havia caído para o patamar de trinta mil metros/mes. Na mesma época, fecharam também as empresa japonesas aqui instaladas e que produziam o fio de seda.

Há ainda um outro fator que vinha dificultando as exportações da Rivaben. Tratava-se da queda da qualidade do produto final, que tinha origem na queda da qualidade da matéria-prima, o fio que era obtido a partir do casulo. Isto foi decorrência tanto de sementes de má qualidade, como, principalmente, das doenças que atingiram a produção em grande escala. Na parte a seguir, isto será retomado, a partir de relatos de ex-sericultores e de ex-operários da empresa.

4. Relatos de trabalhadores e de sericultores: O processo de produção/trabalho na fábrica e os problemas da sericultura

São abordados, na parte 4.1, alguns aspectos do processo de produção e de trabalho no interior da fábrica da Rivaben, destacando-se a passagem do trabalho manual para o processamento automático na referida modernização ocorrida no início da década de 1970 e a questão de gênero. Na parte 4.2 são considerados aspectos relacionados à sericultura, destacando-se o problema da qualidade das sementes ou ovos do bicho da seda. A redação busca ser fiel ao relato dos entrevistados – ex-operários e ex-sericultores, sendo alguns trechos transcritos.

4.1 – O processo de produção/trabalho na fábrica e as dificuldades da relação capital/trabalho

Segundo Josepha Portero, que trabalhou na fábrica no período de 1952 a 1984, exercendo as funções de contra-mestre e mestre, o trabalho feito pelas operárias era manual:

“Era um trabalho muito fino, era manual, então tinha uma bacia de cobre e mais outra, uma com água fervendo e outra com água fria e tinha uma escova, aqui era água saloba não pegava fio direito, tinha que cozinhar o casulo ali na água fervendo e escovar, depois pegava numa frigideirinha furada e passava para a

água fria, a menina enrolava aqueles fiozinhos nos dedos (escopineira) e depois passava para outra que estava fiando (fiandeira), que já era numa bacia grande e tinha que trabalhar com água morna, senão perdia o fio”.

Segundo Marina de Camargo de Araújo, que trabalhou na Rivaben no período de 1969 a 1983, exercendo as funções de escopineira, amarradeira, fiandeira e contra-mestre as bacias eram uma espécie de “tacho” e a escova era passada no casulo para tirar a camada mais grossa, chamada de “estruza”, que depois de seca era usada para fazer cobertor; depois de tirada essa camada mais grossa, o casulo soltava um fio; neste ponto, era passado para a fiandeira e como a água que era usado era muito quente, acabava por queimar a mão das operárias.

O trabalho na Rivaben era dividido em várias seções, cada operária ficava encarregada de um serviço específico dentro da fábrica e a qualidade do fio era resultado da técnica das operárias que realizavam manualmente o trabalho.

Quando o fio estava pronto ele ia para o “repasso”, onde era passado das bobinas menores para as bobinas maiores, logo em seguida era passado para um outro setor chamado de “retorcideira”, onde as meadas eram torcidas e embaladas, para serem vendidas para outros países.

Na Rivaben existia três funções executadas pelas operárias, a primeira era a da escopineira que preparava o fio, segundo era da fiandeira que fazia o fio “ela tinha que trabalhar com fio mais fino e com fio mais grosso, ela trabalhava com cinco casulos, trabalhava com uma máquina que chamava aspa, que era uma roda que ia girando e fazia a meada”⁹ e terceiro era a amarradeira do fio.

Dentro da fábrica, muitas operárias depois de terem adquirido certa habilidade, ganhavam posições gradativas em relação aos anos de serviço, existindo algumas posições importantes que eram almejadas por elas. A empresa dava preferência para jovens solteiras, sendo que a maioria se encontrava na faixa etária entre 15 a 25 anos (Montezzo, 1997).

Aproximadamente entre 1952 a 1953, o fio produzido na empresa perdeu muito a qualidade pois algumas operárias deixaram de fazer o fio como deveria ser feito, fato que

⁹ Josepha Portero, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

fez com que a Suiça chegasse a devolver o fio que havia comprado, após ter sido analisado.¹⁰

A empresa, para evitar esse tipo de ocorrência, estabeleceu uma “lei de castigo” que era aplicado nas operárias que não acertavam fazer o fio direito e que portanto, acabavam por estragar muita matéria-prima: se a operária errasse a primeira vez era perdoada, se errasse a segunda tomava advertência e na terceira ficava suspensa por um dia, depois ficava dois, três dias suspensas. Contudo, o castigo não resolveu o problema e teve que ser abandonado porque as operárias ficavam revoltadas e muitas demitiam-se.¹¹

Depois da lei do castigo ser retirada, foram adotadas duas medidas para se evitar o desperdício de matéria-prima. A primeira delas era que as operárias podiam encher apenas um pequeno canecão de casulo ruim, que ia par o lixo, porque antes desta regra muitas operárias enchiam muitos deles com casulo bom, só para não ter que escopinar de novo, ou seja, voltar a lavar o casulo, para que este soltasse o fio.¹² O segundo era que a estruza não podia ultrapassar uma determinada quantidade fixada, porque se isto ocorresse era um indicador de que a operária estava estragando muito fio bom.¹³

A Rivaben pagava para as operárias menores metade do que era pago para as outras operárias, muitas trabalhavam sem serem registradas, as operárias não sabiam quanto era um salário naquela época, portanto, não sabiam direito quanto deveriam receber pelo trabalho e também não sabiam nada sobre sindicato. Com o tempo algumas operárias começaram a receber algumas cartas que vinham do Rio de Janeiro “dizendo quanto era o salário certo, muitas moças recebia carta e, dado o medo da dispensa, silenciavam sobre isso”.¹⁴

Por se tratar de uma época em que a situação social pregava a submissão de mulheres perante a autoridade dos homens, estas recebiam salários inferiores, facilitando os castigos, ameaças e pressões que recebiam no trabalho. Contudo, algumas não aceitaram estas condições e lutaram por igualdade. Como relata o Sr. Josepha Portero:

“Tinha seis meninas que se rebelaram, foram no sindicato e viram quanto que tinha que ganhar e foram falar para o seu Ettore que queriam ganhar o salário

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Marina de Camargo de Araújo, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

¹⁴ Josepha Portero, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

certo e elas ameaçaram de denunciar a fábrica, sabe foi na época da ditadura e sabe como elas foram classificadas, de revolucionárias, elas perderam o emprego e todo mundo ficou quieto e eram meninas que trabalhavam muito bem, que faziam o fio perfeito”.

Mas este acontecimento não impediu a luta de algumas operárias que queriam melhores salários. Algumas operárias escreviam em um bilhete tudo que estava acontecendo dentro da fábrica de seda e “colocavam embaixo da porta do sindicato, lá de Piracicaba, na rua XV de novembro”¹⁵. Depois deste acontecimento o sindicato compareceu na Rivaben e as operárias tiveram os salários praticamente dobrados de um mês para outro.

Por volta de 1973, a Rivaben importou máquinas automáticas do Japão e para ensinar a trabalhar com as máquinas vieram um japonês e uma moça do Paraná. A máquina automática trabalhava com oito operárias e quando o casulo era de boa qualidade trabalhava com duas operárias amarradeiras, desde que estas tivessem muita prática e experiência.¹⁶

*“Quando o fio arrebentava a função era amarrar de novo, dava nó cego, daí a própria máquina continuava. O casulo ele próprio ia perdendo o fio, daí ele caía no fundo e voltava dentro do cochinho, na escopineira da automática, na manual não, ele caía e ficava no fundo da bacia com água, então tinha que ficar passando a mão no fundo e devolver o casulo para o tacho de água fervendo e voltava todo o processo de novo, de passar a escova”.*¹⁷

Mas, a seção da automática não seguiu o ritmo que deveria, trabalhava com capacidade ociosa porque as pessoas que vieram ensinar o trabalho, ensinaram somente o básico e não havia na fábrica mecânico ou operárias com experiência suficiente para lidar com aquelas máquinas.

O fio feito pela máquina manual era considerado fio de segunda em todo lugar, mas na Rivaben o fio da máquina manual era de primeiro e no Japão era feito a seda especial com o fio da manual comprado na Rivaben. Este fio, que era feito por algumas máquinas velhas, danificadas, algumas eram até amarradas com arame, tinha a mesma qualidade da

¹⁵ Idem.

¹⁶ Marina de Camargo de Araújo, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

¹⁷ Idem.

automática e os boletins que vinham do Exterior, depois de ter sido analisado o fio, apontavam a mesma qualidade para ambos.¹⁸

Depois da máquina automática, veio a torção, que eram máquinas que preparavam o fio para o tecido, em seguida a Rivaben comprou os teares automáticos para fazer o tecido, mas foi desperdiçado muita matéria-prima porque não havia operária qualificada para as automáticas, algumas operárias saíam da manual e iam direto para a automática, que eram máquinas completamente diferentes.¹⁹

No Japão os casulos ficavam armazenados no *freezer*, na Rivaben eram guardados no depósito e depois que o casulo chegava, este era analisado para saber de sua qualidade, porque cada qualidade tinha um valor; feito isto, imediatamente os casulos eram passados no vapor para secá-los para matar o bicho, para não prejudicar o casulo, porque senão o bicho se metamorfoseava e inutilizava o casulo.²⁰

Como o casulo era produzido seis vezes ao ano, ficava armazenado no depósito para ser usado conforme fosse sendo necessário; no mês de outubro eram concedidas férias coletivas na Rivaben, a fábrica era fechada para limpeza, voltando a funcionar somente no mês de novembro, indo a todo vapor até julho, depois começavam as demissões e na época que chegavam os casulos, começavam as contratações e às vezes era necessário fazer até hora extra, para que fosse entregue o fio a tempo.²¹

Aquilo que a fiandeira fazia com a mão de jogar os casulos no “capi”, a automática fazia sozinha, o capi era um carretel, com duas pontas que iam girando, a operária jogava os casulos com a mão e este enroscava e ia tirando o fio do casulo e quando chegava ao bicho do casulo, este tinha que ser retirado com a mão e substituído e quando o casulo era ruim, pegava um pouco de fio que caía do carretel.²²

“Quando veio a máquina automática, Charqueada não tinha tratamento de água e então era só chover que tinha que parar a máquina, não tinha com trabalhar, daí a Rivaben comprou onde hoje é a Santa Júlia (Parque Águas de Santa Júlia) e fez a represa e mandava água da represa para a Rivaben. A água que a gente recebia naquela época não tinha tratamento e quando chovia vinha um lodo na torneira e a

¹⁸ Josepha Portero, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Marina de Camargo de Araújo, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

*gente não conseguia trabalhar, às vezes ficava até dois dias esperando a água limpar bem para voltar a trabalhar”.*²³

Na Rivaben existia duas seções de tecelagem, em uma ficavam os teares manuais e na outra os automáticos, que produzia um tecido cru, de cor pérola, que era enviado para a cidade de Suzano, onde era realizado o acabamento no tecido, ou seja, cor e estampa (Montezzo, 1997).

Quando a Rivaben começou a entrar em crise as operárias passaram a trabalhar com o casulo ruim, que não era usado antes, o que implicou na perda de qualidade do fio e na baixa da produção: “no começo a rotação da máquina era alta, no fim a rotação era baixa, não conseguia trabalhar com rotação boa porque o casulo era ruim”.²⁴

A crise da Rivaben foi marcada por greve e demissões, era o fim da maior produtora de casulos das Américas. Pode-se dizer que foi uma tragédia, porque a Rivaben absorvia uma parcela muito grande de funcionários, não só de Charqueada, como também de cidades vizinhas que eram trazidos para trabalhar com os próprios ônibus da Rivaben. Muitos perderam seus empregos e nenhuma fábrica conseguiu substituí-la.

4.2 – A produção do casulo e as dificuldades dos sericultores

Segundo o sericultor Otávio Tietz, que criou o bicho-da-seda por aproximadamente dezessete anos e que tinha em sua propriedade um rancho de 40 m de comprimento e 8 m de largura, o processo de criação era a seguinte:

“Ao receber as sementes da fábrica estas demoravam de dois a seis dias para eclodir e transformarem-se em lagartas, depois estas lagartas dormiam três dias, que era chamado o primeiro sono, o segundo mais três dias, o terceiro mais quatro dias e o último, que era o quarto sono dormiam quatro ou cinco dias e para alimentar este rancho ia dois alqueires plantados em amora e para produzir casulo bom tem que ser amora de boa qualidade e muito bem adubada”.

Depois deste processo, havia mais um outro que era quando o bicho começava a “casular”; para tanto, era necessário que o bicho começasse a subir para os bosques, um tipo de ninho, que no início da sericultura era feito com vassouras de mato e depois

²³ Idem.

²⁴ Idem.

passou a ser de plástico, era neste local que os bichos começavam a tecer o casulo, o que levava em média de dois a três dias (Montezzo, 1997).

Segundo o sericicultor Antonio Nicodemos Verdi, que criou o bicho-da-seda por vinte e um anos em sua propriedade, na qual possuía um rancho de 56 m de comprimento, e foi um dos últimos a parar com está atividade no município de Charqueada:

“Os bichos ficavam em uma esteira feita de bambu, cobertas de sapê, forradas com jornal e apoiadas sobre cavaletes, os bichos enchiam todo o rancho, quando é pequeno parece que não ia encher o rancho, mas quando fica perto de subirem, ficam grandes e um empurra o outro e cai muito bicho no chão, que dava para aproveitar, antes da formiga atacar”.

Os ranchos de bicho na verdade eram barracões com paredes feitas de sapê, no interior destes ranchos ficavam as esteiras, os ranchos eram desinfetados depois de colhido o casulo, sendo que transcorria em média trinta dias para realizar o processo de larva a casulo. Se o sericicultor não retirasse o casulo no tempo certo a lagarta transformava-se em borboleta e o casulo era perdido.

Para um total de 150 gramas de sementes, obtinha-se 450 quilos de casulos, que eram pagos por quilo, deste total aproximadamente 350 quilos eram considerados de primeira qualidade e o restante era classificado em segundo e terceiro, ou seja, “eram casulos manchados, onde dois bichos faziam um casulo só”.²⁵

Os sericicultores enfrentavam os problemas do ataque das formigas, quando estas conseguiam subir nos cavaletes e dos casulos considerados refugos. Mesmo com estes problemas era uma atividade econômica rentável e a importância da sericicultura estava em que ela não causava poluição e nem danos aos recursos naturais.

Por Charqueada se tratar de um local próximo a usinas e por ter tido a Usina São Francisco do Quilombo em suas terras, alguns sericicultores naquela época foram convidados a deixar de criar bicho-da-seda de forma a converter as terras em lavoura canavieira; não aceitaram pois era melhor continuar com a sericicultura.²⁶

Quando o casulo já estava pronto, o sericicultor precisava limpá-los para que depois pudessem ser levados para a Rivaben, onde eram comercializados, era extraída a camada que ficava ao redor que era a mais grossa, somente era aproveitado o casulo com a camada

²⁵ Antonio Nicodemos Verdi, entrevistado em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

mais fina e para realizar este processo de limpeza dos casulos, os sericicultores contavam com a ajuda de uma máquina.²⁷

Além deste fato, os sericicultores precisavam manter o máximo de cuidado para não perderem toda a criação de bicho porque em época de chuva, devido a umidade, os sericicultores precisavam passar cal em cima dos bichos, para secá-los e quando o calor estava muito forte era necessário passar um “sereno”, com a ajuda de um pulverizador cheio de água. Desta forma evitava-se que os bichos ficassem doentes e morressem.²⁸

As sementes eram entregues para os sericicultores pela própria Indústria de Seda Rivaben S/A, que no começo as preparava no próprio município de Charqueada, onde criavam a raça pura. Depois as sementes tornaram-se fracas. Como comenta Antonio Nicodemos Verdi:

“A semente deles não foi mais para frente, por uns 4 ou 5 anos todo mundo perdeu bicho, não acertaram mais fazer a semente. Eram eles mesmos que tiravam a semente, porque a semente tem que ser tirada de um rancho longe daquele que criava aqui, porque a doença passa. Começaram a tirar de um rancho bom, que saía um casulo bom, depois começaram a tirar do que não podia tirar, a firma cresceu, tinha muito rancho e para preparar uma semente como devia eles não venciam, daí começaram a tirar do produto que não podia tirar, eles tiravam casulo daqui, para tirar semente. Pegava semente, tocava e depois de 30 dias morria, para não perder os criadores ela (Rivaben) pagava”.

No município de Charqueada, antes de ocorrer o problema com as sementes chegou-se a ter aproximadamente 300 ranchos de bicho²⁹, depois a Rivaben passou a criar em Gália, onde tinha uma filial. Com o tempo, tanto as sementes como as larvas que eram trazidas para os sericicultores charqueadenses, eram ruins.³⁰

Aproximadamente em 1983, a Rivaben começou a entrar em crise, as sementes que ela entregava para os sericicultores produzia bichos fracos, que acabavam morrendo. Isto levou a uma queda do preço do casulo e a Rivaben passou a trabalhar com casulos “ruins”, fato este que implicava na perda da qualidade do fio. Este fator pode ser considerado como sendo um problema interno. Outro fator, externo, também contribuiu para a crise: os países

²⁶ Josepha Portero, entrevistada em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

²⁷ Otávio Tietz, entrevistado em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

²⁸ Antonio Nicodemos Verdi, entrevistado em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

²⁹ Idem.

³⁰ Otávio Tietz, entrevistado em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

importadores deixaram de comprar a seda em razão da crise do petróleo no mercado mundial, da concorrência da seda chinesa. Associou-se a isto o fato de que o Proálcool estimulou a expansão da lavoura canavieira.³¹

A Rivaben não conseguiu superar a crise, foi feita uma greve dos funcionários por causa dos pagamentos atrasados e logo em seguida começaram as demissões e o município de Charqueada acabou sendo abalado economicamente.

Ficou restando somente lembranças do poderio da Indústria de seda Rivaben S/A, que passou por várias transformações ao longo dos anos até se tornar o centro econômico de Charqueada. No primeiro momento era apenas uma firma de fiação, cuja atividade limitava-se à extração do fio de seda do casulo, depois tornou-se uma indústria de seda, fazendo não somente o fio, mas também o tecido, conhecidos mundialmente.

Depois que a Rivaben fechou, os sericultores começaram a criar para uma outra fábrica, chamada de Fiação de Seda Bratac, localizada em Bastos, a qual tinha um aparelho que enxergava o bicho morto dentro do casulo; quando era encontrado bastante bicho morto, o preço do casulo caía muito, “tem casulo que a gente vê que não presta, porque o bicho tá morto lá dentro e o casulo fica mole e tem casulo que está firme e dá para aproveitar mesmo o bicho estando morto, porque ele morreu logo que terminou de fazer o casulo e mesmo assim descontavam”.³²

A fábrica de Bastos passou a trazer larvas que também eram fracas e começaram a morrer, sendo que muitos sericultores foram obrigados a parar de criar o bicho-da-seda porque passaram a ter prejuízos. Voltaram-se então para outras atividades econômicas, como o comércio, a cana ou aproveitaram os ranchos para colocar granja.

A criação do bicho da seda era feita em época do calor que vai aproximadamente de setembro a março, sendo feita uma criação a cada mês.³³ Depois de ter passado a época de criação o sericultor tinha que cuidar das amoreiras para que estas estivessem preparadas para sustentar toda a produção de seis gerações, que ocorreria nos próximos meses.

A sericultura marcou o município de Charqueada, foi uma época inesquecível não somente para o próprio município, como também para os sericultores “vinha bastante

³¹ Nelson Luciano Rivaben (Diretor Industrial da Rivaben), várias entrevistas não gravadas em 2002 em Charqueadas-SP.

³² Antonio Nicodemos Verdi, entrevistado em outubro de 2002 em Charqueada-SP.

gente de fora para conhecer (os ranchos), vinha de São Paulo, vinha estudante da escola agrícola”.³⁴

5. Referências Bibliográficas

- MARTINS, Alcione, 2002. História do Município de Charqueada (1953-2000). Piracicaba, monografia de graduação em Ciências Econômicas, Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Metodista de Piracicaba.
- MARTINS, J. de S., 1976. Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento. São Paulo, Ed. Hucitec, 2^a edição.
- MARTINS, Z., 1991. Agricultura Paulista – Uma história maior que cem anos. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento.
- MONTEZZO, D. G., 1997. Indústria de Seda Rivaben. Piracicaba, monografia de graduação em História, Universidade Metodista de Piracicaba.
- NEME, M. A., 1936 (Org.). Piracicaba – Documentário. Ed. por João M. Fonseca.
- RAMOS, P., 2001. “História econômica de Piracicaba (1765-1930): As particularidades do complexo canavieiro paulista”. In TERCI, E. T. (Org.), O Desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectivas. Piracicaba, Ed. Unimep, págs. 57-84.
- SEMEGHINI, U. C., 1991. Do Café à Indústria: Uma cidade e seu tempo. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP.
- SUZIGAN, W., 1986. Indústria Brasileira – Origem e desenvolvimento. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- WHO’S WHO IN BRAZIL, 1976/77. São Paulo, Editorial Ltda.

³³ Idem.

³⁴ Idem.